

Jovens rurais do município de Nova Palma - RS: situação atual e perspectivas

Rosani Marisa Spanevello¹

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a situação atual e as perspectivas dos jovens rurais do município de Nova Palma, Rio Grande do Sul. Sob a forma de um estudo de caso, busca-se contemplar a situação atual da juventude rural de Nova Palma, baseando-se em uma amostra de 56 jovens, de um total de 566. Os dados mostram jovens com bom nível de escolaridade, convivendo em famílias menores, com mais abertura para o diálogo e inseridos em uma dinâmica de trabalho que os envolve desde crianças. Os fatores limitantes e a construção de perspectivas por parte desses jovens apontam para questões mais próximas, como a família, até questões mais externas, como a globalização. Com base nessa situação, apontamos que esta juventude rural, estudada, é um segmento da agricultura familiar com claras condições de superar a visão de que os jovens não possuem muita perspectiva, no meio rural e nem fora dele, através de seu elevado nível educacional, das relações familiares e das percepções sobre o mundo que os cerca.

Palavras-chave: jovens rurais, situação atual, perspectivas.

ABSTRACT

RURAL YOUNGSTERS OF NOVA PALMA'S COUNTY - RS: PRESENT SITUATION AND PERSPECTIVES - This paper presents a study of the present situation and perspectives of the countryside youngsters of Nova Palma county, State of Rio Grande do Sul. In a case study we seek to contemplate the present rural youth's situation in Nova Palma, based on a sample of 56 youngsters out of a total of 566. The data show youngsters with a good schooling level living in small families enabling more dialogue and inserted in a work dynamics which involves them since childhood. The limiting factors and the development of perspectives of these youngsters, go from nearer questions such as families to outer ones such as globalization. Based on this situation we point out that these countryside youngsters are a segment of the family agriculture system with clear conditions of overcoming the vision that the youth doesn't have a high perspective neither in the

¹ Eng. Agrônoma, Mestre em Extensão Rural pelo Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural - CPGEExR da UFSM/RS. Email: rspanevello@yahoo.com.br

countryside nor out of it, because of this high schooling level, family relations and the perspectives of the world which surrounds them.

Keywords: rural youth, present situation, perspectives.

I Apresentação e contextualização do estudo

Esse artigo apresenta o trabalho final de mestrado defendido no ano de 2003 junto ao Curso de Pós Graduação em Extensão Rural da UFSM, desenvolvido dentro da linha de pesquisa Sociedade, Meio Ambiente e Desenvolvimento, tratando da temática dos jovens rurais pertencentes à agricultura familiar.

Diversos estudos enfocam que as dificuldades de reprodução da agricultura familiar não são novas nem recentes, pois desde o processo de modernização da agricultura esse segmento vem tentando manter suas unidades produtivas através dos escassos recursos que possui. Sob essa lógica, a agricultura familiar tem encontrado nos jovens rurais, essa importante contribuição, enquanto recursos humanos. A juventude rural surge, na esfera do núcleo familiar, envolvida por todos os agravantes tanto no que tange o desenvolvimento produtivo quanto à convivência com os seus padrões sociais e culturais. Por outro lado, a juventude também pertence à sociedade que, num sentido mais amplo, atribui aos jovens as suas esperanças futuras.

Contudo, o desenvolvimento dentro da família e as esperanças que a sociedade deposita nesses jovens devido à sua importância no papel de protagonistas no desenvolvimento do meio rural não têm sido suficientes para que a juventude desenvolva-se plenamente. Há poucos estudos sobre a juventude rural e, de acordo com grande parte desses estudos, os jovens são concebidos como um grupo homogêneo, isto é, a juventude é classificada como um grupo único, classificação esta feita essencialmente através da faixa etária. Essa visão não permite conhecer o quanto a juventude é composta por diversidades ou, conforme salienta Stropasolas (2002, p.97), esta visão "encobre realidades socialmente diferenciadas".

De acordo com essa concepção de "juventude única", encobrem-se, muitas vezes, as diferentes condições sociais entre si, os diferentes mecanismos de produção e reprodução familiar e preparação dos jovens.

Diante dessas considerações, entende-se que essa juventude só poderá responder adequadamente aos anseios que a sociedade exige dela e aos seus próprios anseios de melhores condições de vida se buscarmos conhecê-la e se forem considerados a sua condição atual, os fatores limitantes ao seu desenvolvimento e as suas perspectivas futuras.

Nesse sentido, estudar a juventude rural de Nova Palma requer contextualizar as condições sobre a própria agricultura familiar, já que essa é a principal caracterização do município, que está localizado na região central do estado do RS, acrescida da diversificação agrícola que atinge desde a produção de subsistência até a venda para o mercado, típico de colonização italiana, sendo, por isso, essencialmente agrícola. Todavia, é através da juventude rural que esses fatores agrícolas podem continuar sendo capazes de garantir

o dinamismo, a capacidade de reprodução e de bem-estar no meio rural. Além disso, o próprio município pode oferecer a esta maiores oportunidades de estudo e de desenvolvimento de trabalho, que também contribuiriam para o desenvolvimento agrícola do município.

É válido mencionar outro fator que determinou a escolha e a importância desse estudo para o município. Tal fator tem relação com objetivos pessoais, já que é possível colocarmos-nos na condição de jovem, uma vez que nascemos e crescemos nesse meio rural e ainda hoje mantemos fortes relações familiares locais.

Pela importância e pela problemática que envolve os jovens rurais de Nova Palma - RS, nesse estudo bem como para facilitar a elaboração e desenvolvimento dele, traçamos como objetivos: conhecer e analisar a situação atual e as perspectivas futuras dos jovens rurais desse município, bem como identificar quais os principais limitantes apontados pelos jovens que dificultam o seu desenvolvimento no meio rural, analisar quais as perspectivas futuras que os jovens em estudo vêem para si e, por fim, divulgar este estudo de maneira a auxiliar instituições e organizações que se preocupam com o meio rural e o jovem que lá se encontra.

2 Abordagem metodológica

Esse estudo faz uma abordagem referente aos jovens rurais, enfocando questões consideradas essenciais que se apresentam em sua realidade concreta, do meio em que vivem e no qual se desenvolvem. Por isso, fez-se inferência à pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (1996, p.22), "trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis".

O tema juventude rural por si só abarca um universo muito grande, podendo ser traçados inúmeros estudos sobre ele. Assim, com o intuito de aprofundar o estudo com as filhas e os filhos de agricultores familiares e na impossibilidade de envolver todos os 566 jovens rurais na faixa etária de 16 a 24² anos, conforme dados da última contagem populacional realizada pelo IBGE em 2000, seguiu-se a orientação de Gil (1999, p.99), que afirma que "de um modo geral, as pesquisas sociais abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade. Por essa razão, nas pesquisas sociais, é muito freqüente trabalhar com uma amostra, ou seja, pequena parte

² Não há uma definição universalmente aceita para o período de vida em que se é jovem, especialmente entre os órgãos de desenvolvimento como a FAO e a CEPAL, mas devido a necessidade de delimitarmos o contingente populacional para extrairmos a amostragem, usamos a definição de 16 a 24 anos, por entendermos que aos 16 anos muitos jovens já concluíram o ensino fundamental, sendo este um pré requisito mínimo para ingressar no mercado de trabalho tanto urbano como rural; aos 18 anos, os jovens têm praticamente todos os seus direitos assegurados; aos 21 conquistam a maioridade, e aos 24 anos muitos deles já tomaram decisões sobre as questões sucessórias, podendo inclusive ter se casado e construído sua própria família.

dos elementos que compõem o universo". Assim, foi composta uma amostra com 56 jovens rurais, distribuídos em 17 comunidade rurais de um total de 26. A escolha deu-se sobre as comunidades maiores, ou mais representativas, pelo fato de comporem uma distribuição geográfica que contempla melhor todas as regiões do município.

A técnica utilizada para a coleta de informações sobre os jovens está baseada em entrevista semi-estruturada através de seu principal elemento - o questionário. Ele foi aplicado com um roteiro de questões com repostas abertas, buscando saber como os jovens percebem sua situação atual, quais fatores são limitantes ao seu desenvolvimento e que perspectivas almejam para o futuro.

Dessa maneira, acredita-se que, nas entrevistas oportunizadas pelos jovens, poder-se-ão trazer à tona, através de seus discursos, as construções sociais geradas por eles, o que salienta Cortes (1998, p. 19) como sendo:

Um misto da fala do indivíduo peculiar e daquele que expressa valores estruturados socialmente. Ele é revelador do caráter histórico e específico das relações sociais que esse indivíduo realiza e das variadas "subculturas" das quais ele participa em um contexto de classe social, de orientação sexual, de pertinência a uma geração, a uma etnia, etc.

Essas construções discursivas socialmente construídas são abordadas sobre os jovens rurais desse estudo de caso.

3 Análise e discussão

De acordo com a metodologia do trabalho e com as informações obtidas nas entrevistas, faremos a análise e discussão dos resultados colocando em relevo, primeiramente, a situação atual desses jovens, enfocando o seu olhar sobre si mesmo, ou seja, a maneira como ele percebe sua situação atual através de três pilares: a família, a educação e o trabalho, seguindo ainda da análise e discussão dos fatores que esses jovens acreditam ser limitantes ao seu desenvolvimento e, por fim da construção de perspectivas. Para um melhor entendimento desses resultados e buscando facilitar sua análise e discussão optou-se por analisá-los separadamente.

3.1 As relações com o núcleo familiar

A composição do núcleo familiar dos jovens entrevistados mostra que o número de pessoas por família é de 3 a 8, com média de 5. Essa descrição aponta que hoje os jovens convivem em famílias mais reduzidas em relação à geração anterior, pois era bastante comum a presença de 12 a 15 membros: os pais, os jovens, os irmãos mais velhos ou mais novos, avós, tios, ou pessoas interligadas por algum grau de parentesco.

Nos núcleos familiares, mais especificamente dos descendentes de italianos, vigorava a autoridade paterna sobre a esposa e os filhos. Essas relações autoritárias, fruto,

muitas vezes, de valores morais e religiosos não permitiam a opinião dos jovens ou a expressão de suas idéias. Assim, na maioria das vezes, o pai ditava o futuro (além do presente) dos filhos. Esses padrões culturalmente construídos parecem ter enfraquecido, embora a família não tenha perdido sua importância com as mudanças sociais e culturais que foram e continuam sendo introduzidas no meio rural.

Observa-se que, por conta dessas mudanças, as relações entre os pais e os filhos tornaram-se mais "brandas" e o que era imposto para os jovens passou a ser discutido no núcleo familiar. Segundo um dos jovens entrevistados "hoje os pais ouvem mais os filhos, há mais diálogo, amizade e incentivo. Hoje o pai não obriga mais o filho, o filho é quem escolhe". Esta citação deixa claro que, mesmo nas entrelinhas, os jovens tinham noção de como se davam essas relações com os pais no passado e do quanto hoje são "privilegiados" por essas relações estarem mais acessíveis.

Essas relações também têm influenciado os jovens a adquirirem maior escolaridade do que seus pais (conforme ver-se-á no item sobre educação). Como aponta outra jovem "a família incentiva o jovem a estudar, pois os pais sabem o quanto importante é hoje o estudo para os filhos, não só a ler e escrever, mas aprender a administrar a propriedade e, sem estudo, não somos nada".

Essa abertura nas relações entre os pais e os filhos tem possibilitado a emancipação para estes últimos, podendo inclusive decidir entre ficar ou sair do meio rural. Os jovens revelam que "se tem autonomia para decidir se quer permanecer ou sair do meio rural". Esta citação ilustra as mudanças pelas quais a família passou e as dimensões destas sobre a comunidade que está localizada e sobre o meio rural como um todo uma vez que a autonomia para os jovens pode vir a contribuir para a sua migração e para o posterior esvaziamento e reestruturação da população rural desse município, ocorrendo sobre famílias que, conforme já foi citado anteriormente, têm reduzido o seu número de membros.

No campo que se contrapõe à migração dos jovens, está a questão sucessória em que, pelos depoimentos dos entrevistados, percebe-se a reprodução de um padrão em que se encontra o filho homem como herdeiro, o sucessor da unidade produtiva, por conta do maior incentivo ao estudo e posterior migração da filha na busca de um diploma e uma profissão urbana. Essa divisão tem por base a influência familiar, como afirma outro jovem "o homem tem mais força e deve ficar na lavoura e, geralmente por influência dos pais, um vai ficar e cuidar deles".

As relações de conflito que normalmente envolvem a questão sucessória na família não transparecem ou não são demonstradas pelos jovens entrevistados. Apenas observa-se que esse processo já parece estar decidido e é aceito com conformidade e maturidade já que alguém vai ter que ficar no meio rural, preferencialmente, o rapaz. A reprodução deste padrão cultural vivenciado na família é claramente visualizada no depoimento deste jovem quando afirma que "geralmente o jovem é de uma família que tem um casal de filho, o filho vai ficar e a filha vai estudar, sendo assim, sempre haverá filhos na agricultura".

No que se refere à socialização e ao convívio social proporcionado pela família, estão as amizades, convivência com vizinhos, parentes e outras pessoas da comunidade, que vão inserindo, aos poucos, as crianças. Estas, uma vez jovens, se encontram adaptadas a estes ambientes. Os jovens citam que um desses veículos de socialização e convívio social

são os encontros de família em que, conforme Marin (2000, p.139), “(...) ocorrem discussões em torno de temas sociais elaborados em cartilha da igreja católica para o fim específico”. Assim, os jovens incluem-se nesta dinâmica do grupo familiar à medida que passam a discutir estes temas.

A família também permite, segundo os jovens, sua participação nas comunidades rurais nas quais estão inseridos, sendo esta mais efetiva na questão social e contribuindo na organização de lazer como festas, bailes e torneios de futebol junto a outras diretorias comunitárias da capela que, muitas vezes, são constituídas por seus próprios pais.

Observa-se que essa participação nas comunidades estudadas é mais freqüente quando ocorre a presença dos grupos de jovens. Dificilmente jovens isolados são convidados para a organização destas atividades. Torna-se claro, assim, que a presença desses grupos nas comunidades e os jovens que participam delas adquirem perante os olhos dos mais velhos um maior grau de maturidade e de responsabilidade.

A influência da família no processo formativo do jovem tem implicações no conhecimento que ele adquire desde muito cedo quando começa a ser incorporado como força de trabalho no núcleo familiar, tendo em vista as necessidades de mão-de-obra para o desenvolvimento das atividades.

Esse processo formativo mostra-se presente também nos projetos pessoais destes jovens, que estão em curso hoje ou ainda estão sendo formulados. A construção de sua própria família parece ser um desses projetos, conforme este jovem, “está difícil a situação dos jovens no meio rural, ainda mais se pensarmos como vai ser nosso futuro e como vamos construir nossas famílias”. A possibilidade de construir sua própria família surge nos planos desta juventude, embora muitos ainda estejam construindo este projeto para ser concretizado num prazo mais distante do que aquele realizado por seus pais. Na prática, isso pode ser observado, pois de todos os entrevistados, encontrou-se apenas uma jovem cujo projeto de construção de sua própria família aparece num prazo mais curto uma vez que está noiva, sendo que todos os demais entrevistados são solteiros, embora muitos estejam namorando.

A possibilidade de construção da sua família, de uma relação baseada nos moldes nos quais convivem com os pais também pode implicar na possibilidade de mudarem os projetos iniciais de vida que traçaram para si. Na entrevista deste jovem que já conclui o ensino fundamental e trabalha conjuntamente como os seus pais, descobriu-se o quanto esses projetos podem ser modificados; ele cita: “namoro uma moça que faz faculdade e conseqüentemente não terá emprego nas proximidades assimilando as duas profissões”. As alterações nos projetos pessoais, como os deste jovem, levantam a possibilidade dele migrar para a cidade à procura de um emprego urbano, de seguir estudando ou de inserir sua futura esposa no meio rural.

A família é o aporte que tem um papel relevante na formação destes jovens e, por isso, passa a condicionar muitas das relações que se configuram na situação atual deles, além de ser o norte de suas estratégias de vida e de atender em parte aos seus interesses, pois a ajuda que recebem da família é chave para as suas estratégias de curto prazo, podendo, a longo prazo, serem sucessores da herança. Contudo, com exceção dessa hipótese, também incorporam valores de respeito e desejo de ajudar; além disso, o trabalho com

seus pais segue caracterizando a grande maioria dos jovens através da transmissão do conhecimento (DURSTON, 1998).

3.2 A importância e a abrangência da educação

A escola não estava entre as primeiras preocupações dos imigrantes italianos que colonizaram o sul do Brasil e Nova Palma não ficou de fora desta situação, pois para os pais estudar era considerado um tempo perdido, uma vez que quando os filhos iam para a aula, deixavam de ajudar no núcleo familiar. No entanto, com o passar do tempo, houve uma ampliação da rede escolar nas comunidades e na sede municipal e com ela uma maior difusão da importância do estudo.

No mapeamento realizado sobre o grau de escolaridade em que se encontram os jovens, considerou-se o estudo até o ensino médio, pois este é o máximo de escolaridade que o município oferece. Estudar jovens que foram além deste grau de escolarização implica em se estudar os que já deixaram o núcleo familiar e o meio rural, pois a referência ao ensino superior mais próximo é a cidade de Santa Maria, o que impossibilita muitos de sair diariamente de suas casas até a universidade. Assim, aqueles que seguem estudando normalmente passam a morar em Santa Maria.

Na verificação do grau de escolaridade atingido não houve evidências da existência de jovens analfabetos. No geral, a grande maioria já concluiu o ensino médio e os que ainda estudam estão na fase de conclusão do ensino fundamental ou do ensino médio.

Embora nesse estudo não se objetivou apresentar as relações de gênero, achou-se oportuno demonstrar os diferentes graus de escolaridade tanto das moças quanto dos rapazes, tendo em vista que a literatura tem apontado um maior aprimoramento educacional para as primeiras através de maiores anos de estudo.

Sobre essas diferenças, nesse estudo, observou-se que está entre os rapazes o menor grau de escolaridade, o que corresponde a 2º série do ensino fundamental. Já entre as moças, é encontrado um grau ligeiramente superior, equivalente a 5º série do mesmo ensino. Ainda no tocante aos maiores anos de estudo, considerando as idades muito próximas entre as moças e os rapazes, comprovou-se que as primeiras freqüentam mais a escola, pois a grande maioria delas que ainda estuda está na fase de conclusão do ensino médio, enquanto que os rapazes estão na fase de conclusão, porém do ensino fundamental.

O acesso à educação e, conseqüentemente, o maior grau de escolaridade constituem-se num “divisor de águas” entre ficar ou sair do meio rural. Inúmeros trabalhos têm apontado que a permanência no meio rural tem influência sobre a aptidão dos jovens para o estudo, pois quanto mais cedo deixarem os bancos escolares, menor será o seu grau de escolaridade, o que condiciona a sua futura profissão com a de agricultor, pois para esta profissão basta o conhecimento repassado da geração anterior, sendo o estudo quase que insignificante para esta condição.

Estudo como o de Durston *apud* Abramoway (2001, p.48) afirma que permanece no meio rural aquele jovem que “*la cabeza no le dá para más*” por motivos de não gostar de estudar ou de ter abandonado o estudo para se dedicar somente ao trabalho. Esta constatação, na verdade, está condicionada à observação de diferentes contextos, pois

pelo grau de escolaridade dos jovens desse estudo ser considerado elevado³ quando associado à expressiva vontade deles em permanecer no meio rural e de continuar desenvolvendo a agricultura (conforme será visto no item sobre o trabalho) mostra que não é somente os jovens menos escolarizados que permanecem na agricultura.

A relação entre estudo e trabalho mostra-se muito estreita entre estes jovens, onde num turno estudam e no outro trabalham juntamente ao núcleo familiar. Esse esforço em dividir seu tempo nestas duas atividades é visto pelos entrevistados como cansativo, especialmente no verão, época de safra das principais culturas produzidas no município.

Esse esforço tem comprovado que os jovens não buscam somente um grau de escolaridade superior ao de seus pais, mas a importância que dão ao estudo. Segundo este jovem, “o estudo é importante não só para aqueles que seguem estudando, mas também para aqueles que ficam”.

Para aqueles que seguem estudando e ainda estão no meio rural, a possibilidade de um emprego ou de uma profissão urbana pode ser concretizada e, para aqueles que não migram, o estudo pode ser uma ferramenta importante para o atual estágio de desenvolvimento em que a agricultura encontra-se hoje e a busca de uma melhor qualidade de vida ou, conforme apreende-se nas palavras desta jovem: “deve-se aproveitar as oportunidades para melhorar a produtividade, o gerenciamento (oportunidades de cursos, de aperfeiçoamento) que melhoram as condições de bem-estar”.

No entanto, a saída dos jovens na busca de um curso superior não implica necessariamente na escolha de uma profissão essencialmente urbana. Quanto às possibilidades de chegar a um curso superior, os jovens admitem que “pretendem estudar um curso superior relacionado com a agricultura”, sendo que os exemplos mais citados são Engenharia Agrônômica e Medicina Veterinária, além de cursos como o Técnico em Agropecuária.

Na busca desse objetivo, esta jovem conta como favorável as “maiores possibilidades, meios de transporte para o interior, e a universidade perto”. A proximidade da Universidade Federal de Santa Maria, distante cerca de 65 Km da sede do município, é vista como um aspecto positivo nesta questão.

Quanto ao maior nível de escolaridade dos jovens em relação à geração anterior, observa-se que o transporte escolar tem uma influência direta. As maiores facilidades de deslocamento das casas até a escola associadas aos custos deste transporte que são divididos entre os orçamentos do município e do estado, o que não onera diretamente a família, têm impulsionado uma maior presença dos jovens nos bancos escolares.

Para os jovens completarem seus estudos até o ensino médio, na grande maioria das vezes, ocorre uma hierarquia de passagem por diferentes escolas onde, primeiramente,

³ Especialmente se se tomar como comparativo o estudo de Abramoway (2001) realizado no Oeste Catarinense, onde cerca de 30% rapazes e 13% moças possuíam apenas a 4ª série do ensino fundamental, o que equivale a um grau de escolaridade inferior a dos agricultores de Nova Palma, que é 5ª série do ensino fundamental conforme estudo de Marin (2000). Devido a estas constatações, considerou-se a conclusão do ensino médio, conforme demonstra o grau de escolaridade dos jovens deste estudo, como elevado, tendo em vista também que é o mais alto grau de estudo que o município pode oferecer.

te, eles freqüentam as poucas escolas primárias de 1ª a 4ª série do ensino fundamental ainda existentes no meio rural, localizadas nas comunidades onde residem. Posteriormente, freqüentam outra escola que permite a conclusão do ensino fundamental. No município, encontram-se três escolas localizadas nas comunidades rurais de Vila Cruz, São Francisco e Caemborá, e uma na sede municipal. Assim, na maioria das vezes, os jovens freqüentam a escola mais próxima da sua comunidade de origem. A fase conclusiva de estudos dá-se no âmbito municipal com o término do ensino médio. A grande maioria dos jovens estuda na cidade, pois o município possui apenas uma escola pública com o ensino médio completo localizada na sua sede.

As condições do ambiente também influem no estudo dos jovens e, dentre muitas, surgem também as condições adversas, que têm revelado a discriminação dos jovens rurais pelos colegas do meio urbano. Na concepção de Stropasolas (2002), este fator é denominado “violência simbólica” por estes jovens, filhos de agricultores, serem também chamados de “colonos(as)”. Esta expressão que carrega no seu significado aquele que trabalha na terra, o descendente de italiano que usa expressões próprias do dialeto e que não se expressa na linguagem correta, carrega junto também o significado do preconceito e da discriminação por estes jovens não se comportarem ou se expressarem nas gírias ou palavras criadas na cidade. Assim, frente aos erros, os jovens rurais são “corrigidos” pelos urbanos, que fazem uso da expressão “colono(na)”. Essa expressão revela, na verdade, a distância e o modo de vida entre dois mundos próximos, mas diferentes, sendo que o jovem convive em um, mas choca-se com o conhecimento e as especificidades existentes em outro.

Pelas lacunas deixadas em função de um ensino formal que carece de uma melhor qualificação tanto estrutural quanto de recursos humanos, a busca por uma melhor preparação tem avançado em instâncias não formais, como os cursos que prepararam os jovens para ingressar no ensino superior ou ainda cursos de qualificação profissional como garantia de um melhor emprego.

Frente aos jovens entrevistados, esta “formação extra” parece mais distante, pois acreditam que é difícil de conseguir devido às condições muito próprias do meio em que vivem. Para esta jovem, “a situação atual do jovem rural é difícil, os jovens do interior têm menos oportunidade de fazer cursinhos e cursos de informática, é que, às vezes, os pais não possuem dinheiro para pagar e nós não podemos sair, porque precisamos ajudar em casa”.

Essa noção intuitiva, já que nenhum dos entrevistados morou no meio urbano, deixa claro que para eles a descapitalização das famílias e os restritos recursos financeiros e sua importante contribuição no trabalho realizado pelos grupo doméstico limitam sua formação ou pelo menos aquela formação mínima exigida para enfrentar a competitividade instalada e sentida com maior intensidade nos centros urbanos. As dificuldades para esta formação acentuam-se ainda mais quando os jovens têm que se deslocar para a cidade com dedicação exclusiva para os estudos e auxílio financeiro dos pais. Esses conflitos afloram ocasionando uma tensão social no interior dos jovens, porque, embora pensem em planejar seu futuro fora do meio rural, sabem que as dificuldades serão maiores para eles, especialmente se comparar com o maior acesso que os jovens urbanos têm a essa

“formação extra”. A noção dessas dificuldades não deixa de transparecer no depoimento deste jovem quando ressalta que “falta preparação e estudo para um dia deixar o meio rural”.

Essa escolarização que estes jovens provam ter atingido hoje torna-se um capital sem valor igual, pois demonstra que a educação formal vai além dos conhecimentos do ler e escrever e das operações matemáticas. Ela tem se traduzido num melhor preparo frente à vida através de atitudes que revelam maior convencimento do que o homem e a ciência podem conseguir juntos e menos entregues à fatalidade, incluindo a capacidade de organização e o manejo do tempo (DIRVEN, 2001).

3.3 O mundo do trabalho

A concepção de que as crianças são inseridas no trabalho da família através das tarefas mais leves, ajudando os adultos nos tratos dos animais, na horta, nos afazeres domésticos relaciona-se ao processo de divisão social do trabalho que começa ainda na infância. As meninas ajudam as mães nas tarefas domésticas e, muitas vezes, as acompanham na lavoura; já os meninos ajudam os pais mais diretamente nestas atividades ou nos serviços considerados mais pesados.

Assim, o trabalho passa a ser realizado com mais responsabilidade, com mais esforço físico para o manuseio dos instrumentos conforme a idade vai aumentando. Isso transforma jovens em agricultores plenos desde muito cedo, não somente pela força física do manuseio dos instrumentos, mas também pelo conhecimento adquirido da geração anterior. Esse trabalho, segundo a análise deste jovem, “é difícil, o jovem vai ter que trabalhar mais, na melhor idade que é agora, nós trabalhamos muito para ter o que precisamos, trabalhamos desde muito pequenos e seguimos até velhos”.

Nesta colocação, transparece o significado do trabalho para os jovens como fonte e condição básica para a sobrevivência da unidade familiar e de seus membros. A inserção desde muito cedo permite que os jovens participem das dificuldades que as unidades de produção familiar têm encontrado para sua reprodução. Seu trabalho tem dado uma importante contribuição para vencer estas dificuldades, buscando a diversificação e a produção de excedentes para aumentar a margem de lucros.

Assim, muitas vezes, o trabalho vem em primeiro lugar. Os brinquedos de criança são substituídos pelos instrumentos de trabalho, deixando o lazer restrito ao final de semana e o estudo para um segundo plano. O único tempo que sobra para o jovem é à noite, depois de encerrada a jornada de trabalho do dia.

Visualizando essa divisão social do trabalho, observou-se que os jovens entrevistados têm seu tempo de trabalho dividido com os estudos, tornando-se integral na época das férias escolares. Os que já concluíram seus estudos e que permanecem no meio rural dedicam seu tempo integral para as atividades na unidade familiar.

A dimensão do estreitamento dos jovens com o trabalho na unidade produtiva, pode ser medida no levantamento da questão sobre qual o grau de envolvimento ou de participação no trabalho desenvolvido no núcleo familiar, sendo que a expressão mais citada é o “envolvimento total”. Essa expressão produz a idéia de que, aos 16 anos, já são

responsáveis por uma significativa parcela do trabalho que gera a renda na unidade produtiva sem descrição de restrições a esse ou aquele trabalho e, muito menos, aos instrumentos que o auxiliam.

Por outro lado, é relevante mencionar que as dimensões que envolvem as jovens em termos de trabalho diferem daquelas encontradas entre os jovens. O envolvimento das moças entrevistadas nas atividades desenvolvidas, assim como os rapazes, também ocorre no turno em que não estudam e, as que já pararam de estudar, envolvem-se todo o dia nestas atividades. A diferença está no fato de que a grande maioria das moças não se dedica às atividades da lavoura.

A partir dessas considerações, verifica-se um menor contato das jovens com o trabalho essencialmente agrícola. Na raiz dessa questão, está a diferenciação dos papéis masculinos e femininos que repousam sobre a agricultura familiar, embora possa parecer contraditório, pois fala-se do trabalho desenvolvido pelo núcleo familiar e não pelos indivíduos. A existência de uma marginalização da mulher em relação ao processo produtivo resulta em uma não percepção da produtividade feminina, seja pelo desprezo a estas atividades, seja pela noção de que o trabalho agrícola feminino é uma extensão do doméstico (LEON e DEERE *apud* BRUMER, 2002).

Repousa, então, sobre a não valorização do trabalho feminino o desinteresse das jovens pela unidade produtiva. Esse desinteresse acentua-se pela preferência dos pais por ter um filho homem sucessor associado à área de terra restrita, pois quando ocorrer a divisão desta área, o filho homem vai tornar inviável sua reprodução. Assim, a terra não entra muitas vezes na partilha da herança para a moça, pois os pais consideram que será de pouco valor a ela, já que seu trabalho não é realizado diretamente nela; sendo assim, são recompensadas de outras formas, como o estudo.

A pouca participação destas jovens nas atividades agrícolas, não implicando dessa maneira sua permanência na lavoura durante todo dia ou num turno, permite que conciliem o seu “trabalho doméstico” com o tempo para estudar, justificando, deste modo, seu maior grau de escolarização em relação aos rapazes.

Essas implicações sobre o trabalho feminino e a crescente escolarização vislumbram a possibilidade de migrar do meio rural na busca de outra profissão, o que, segundo o depoimento da maioria das jovens, está centrada sobre sua vontade de não permanecer no meio rural e de não trabalhar no desenvolvimento da agricultura. Essa intenção das jovens difere da grande maioria dos rapazes entrevistados, que vêem na agricultura e no meio rural a possibilidade de continuar seu trabalho tanto no presente quanto no futuro, pois migrar não faz parte de seus planos.

As crescentes alternativas que têm surgido para a criação de nova ou apenas complementação da renda nas unidades produtivas tais como as atividades não-agrícolas são práticas ainda desconhecidas entre os agricultores familiares de Nova Palma entre as quais se pode incluir, a título de exemplo, o turismo rural, ecológico e cultural.

Marin (2000), em análise das relações dos agricultores com as atividades não-agrícolas neste município, em especial o turismo, verifica que essa relação é quase inexistente, pois são poucos os visitantes que possuem curiosidade em observar o ambiente em que vive a população rural. Quando isso ocorre, são pesquisadores ou religiosos da

região que trabalham com pesquisa e o resgate da cultura local. A constatação da inexistência do desenvolvimento de atividades turísticas possui diversas explicações como dificuldades financeiras e ecológicas, sociais e em termos de agricultura, a principal base econômica do município.

Entre os jovens rurais, a existência das atividades não-agrícolas não passa despercebida. Dentre as respostas, quando se perguntou se os jovens acreditavam ser possível o desenvolvimento destas atividades, constatou-se que a grande maioria acredita ser viável como uma forma de geração de renda e emprego no meio rural, mas não faz idéia de que atividades poderiam ser desenvolvidas. Os exemplos citados têm referência às atividades que já existiam nas comunidades nas quais residem, entre elas podem ser citadas o artesanato, a fabricação de doces, a costura, oficina mecânica, trabalho de motorista de transporte escolar, caminhoneiro, pedreiro e professora do meio rural.

A interferência da agricultura, por ser um dos principais trabalhos destes jovens, faz com que estas atividades não-agrícolas diminuam sua importância entre os jovens. Diante dessas constatações, os jovens argumentam que "é possível atividades não-agrícolas, mas não junto com a agricultura, pois esta consome todo o nosso tempo". A atribuição que coloca a agricultura em primeiro lugar está condicionada à profissão que este jovem já escolheu para si, afirmando: "eu gostei da profissão de ser agricultor e temos que ir adiante, não adianta fazer algo que não gosta, acho difícil desenvolver as atividades não-agrícolas".

Um outro aspecto ressaltado pelos jovens em relação ao trabalho está condicionado à sua própria visão em relação à situação atual do meio rural, o que aproxima o trabalho agrícola com a sua condição de agricultor. Essa maturidade e compreensão a respeito desta situação, na verdade, corresponde à expressão do próprio agricultor quando, em seus depoimentos, revela que "os preços dos insumos são altos e do produto são baixo", além da "falta de incentivo, assistência técnica e crédito rural". Essas citações caracterizam as percepções dos jovens e as dificuldades em conciliar estudo e trabalho, de conduzir as safras agrícolas com riscos de uma estreita margem de lucros, o que equivale a dizer que é muito esforço físico e administrativo para um trabalho de poucas garantias.

3.4 Fatores limitantes ao desenvolvimento dos jovens

A diversidade presente no meio onde vivem e desenvolvem-se estes jovens tem gerado diferentes visões e até contradições que se refletem nos relacionamentos desses jovens a partir de suas relações com os outros jovens, com a família, educação, o trabalho e outros fatores. Em referência às questões que tratam dos limitantes que os jovens entrevistados apontam como responsáveis pelo seu não desenvolvimento, observa-se uma variação muito grande de respostas, envolvendo fatores sociais, econômicos, políticos e ambientais.

Na análise dos limitantes apontados pelos jovens entrevistados, verifica-se que muitos deles atribuem a si próprios a não participação em questões que possam contribuir para o seu crescimento. A primeira questão levantada como limitante é a ambiental, definida, pelos jovens, como o local onde se vive, a natureza. A relação da questão ambiental

com o não desenvolvimento do jovem está alicerçada sobre a degradação dos recursos naturais disponíveis no meio rural, o que pode vir a inviabilizar a agricultura. Conforme este jovem, "deve-se preservar agora para os jovens, no futuro, desenvolver a agricultura".

Essas preocupações dos jovens em relação ao meio ambiente são vistas por eles mesmos enquanto uma preocupação em relação ao tempo presente que se apresenta sem ações práticas para esta problemática. De acordo com este jovem, "o meio ambiente fica para um segundo plano" o que significa que, embora ocorra a preocupação, "os jovens hoje querem fazer mais lavouras, os jovens estão destruindo tudo".

A constatação de que o meio ambiente e sua problemática intrínseca merecerão atenção em termos de obtenção de ações mais práticas dentro de um prazo maior transparece no depoimento deste jovem "Para continuar na agricultura, precisamos do meio ambiente, do ar, da água e das plantas. Teria que preservar pois depende destes elementos para desenvolver a agricultura, mas os jovens não podem parar com as lavouras para preservar, muito embora nos preocupemos com a preservação. Hoje é assim, mas daqui a algum tempo talvez devêssemos usar o agroecológico para preservar um pouco".

Abordando ainda os limitantes sobre o seu próprio desenvolvimento, constatou-se que os jovens atribuem a eles mesmos a falta de interesse para atuar em instâncias que colaboram com melhoria das suas condições de vida. Essa falta de participação não se restringe à falta de espaços, pois, como aponta este jovem, "há muito espaço para participar, não é como antigamente que só se trabalhava". Mesmo assim, há falta de união entre os jovens e pouco diálogo; além disso, a inexistência de grupos e associações exclusivas da juventude (com exceção dos grupos formados e mantidos pela igreja católica) agregada à quase nula participação dos jovens em instâncias reivindicatórias como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais⁴ são exemplos que eles acreditam limitar o seu desenvolvimento no meio rural.

Em termos das limitações que surgem através do núcleo familiar, a descapitalização da família e a restrita participação na questão econômica são dois fatores colocados em relevo. A descapitalização e os poucos recursos econômicos que dispõem as famílias afetam diretamente os jovens. Essa dificuldade é sentida quando citam "que o fator econômico afeta toda a família, pois quando o jovem nasce numa família mais descapitalizada, fica mais difícil de se manter e produzir como se quer hoje". O próprio desenvolvimento do trabalho na agricultura com baixas tecnologias, com pouco maquinário e com escassos recursos (crédito) resulta, muitas vezes, em uma estreita margem de lucros servindo apenas para manter o núcleo familiar.

Essa condição impede o jovem de receber uma parcela pela sua contribuição no trabalho realizado, o que dificulta também a construção ou a reformulação de seus projetos pessoais. Segundo este depoimento, "a condição econômica da família não permite conseguir juntar capital e construir sua própria vida como, por exemplo, morar sozinho no meio rural".

A falta de recursos econômicos no núcleo familiar limita também o estudo. Conforme este jovem, "se a família tem poucas condições de manter o jovem no meio rural,

⁴ Dentre os associados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, constatou-se, que apenas 7 jovens considerados dentro da faixa etária deste estudo são sócios de um total de 686 pessoas associadas.

que é em casa, imagine na cidade, estudando". Acerca do estudo, os jovens levantam dois aspectos: a falta do mesmo e o tipo de conteúdo que é repassado. Esta preocupação, de acordo com este jovem, "não é só para aqueles que seguem estudando, mas também para aqueles que ficam. O estudo deveria promover maior reconhecimento de quem é agricultor".

Entende-se que o estudo formado sob base essencialmente urbana, que não é direcionado ao público do meio rural e nem valoriza este meio, não passa despercebido. Deste modo, observa-se que os próprios jovens reconhecem a importância do estudo para aquele que permanecer no meio rural e que deveria ser voltado às necessidades de seu público com conteúdos que reconhecessem a importância de serem agricultores.

Embora já tenha deixado claro que as relações entre os pais e os filhos tenham colaborado para a emancipação destes últimos, essas relações construídas indicam que a abertura para os jovens também apresenta limitações quando não trata das questões relacionadas diretamente a eles. Sobre esse argumento, repousa a restrita participação que os jovens têm encontrado em relação às questões familiares cujas decisões pertencem aos mais velhos, pois se trata de quem já tem experiência de vida acumulada frente aos poucos anos vividos dos jovens.

O canal de participação na família que os jovens têm encontrado relaciona-se com a questão econômica. Essa questão não significa que o jovem possa decidir sobre a renda familiar, mas pode, sim, participar de decisões sobre que investimentos serão feitos na propriedade ou que culturas serão produzidas, uma vez que os jovens podem realizar empréstimos bancários ou utilizar linhas de crédito destinadas à agricultura familiar que não restringem a sua participação.

No tocante às várias mudanças que sofreu e vem sofrendo o meio rural, uma das mais significativas é sem dúvida a globalização. Mesmo sem um conceito definido sobre a mesma, os entrevistados evidenciam uma noção intuitiva e ao mesmo tempo prática das conseqüências da globalização sobre si mesmos.

De acordo com este jovem, "a globalização afeta a vida dos jovens, pois muitos deixam de estudar para ajudar a família, porque só os pais não conseguem produzir o suficiente para sua sobrevivência; tudo isso devido à globalização". A necessidade de ajuda no núcleo familiar com o conseqüente abandono dos estudos inviabiliza, muitas vezes, a busca de uma maior capacidade administrativa, requisito necessário para viabilizar uma produção em escala de mercado. Este fato não passa despercebido por este jovem, quando argumenta que "os preços dos produtos agrícolas estão relacionados com o mercado externo e os jovens cada vez mais devem produzir produtos de qualidade e ser mais qualificados para ter espaço no mundo globalizado".

Dessa maneira, e com a restrita qualificação, os jovens percebem as dificuldades da agricultura familiar e, conseqüentemente, as suas no desenvolvimento da agricultura e na sobrevivência no meio rural. Esta idéia é claramente evidenciada por outro jovem quando revela que "a globalização está relacionada com a discriminação entre os grandes e pequenos agricultores, pois os pequenos têm que correr sempre atrás da qualidade e de produtos para o mercado. O maior serviço quem faz é o pequeno agricultor, pois, além de diversificar, produz com mão-de-obra própria e fazendo uso de precário maquinário".

Quanto aos fatores que convergem para as limitações que restringem o seu desenvolvimento, os jovens ainda atribuem a falta de políticas públicas específicas voltadas para a juventude rural. Conforme este entrevistado, "hoje o governo poderia dar mais condições para o jovem aumentar uma propriedade, administrar melhor, melhorar as condições para adquirir terra e trabalhar adequadamente nela". Isso significa maiores investimentos na própria juventude, no trabalho desenvolvido por ela e na melhoria das suas condições de bem-estar no meio rural.

3.5 A construção das perspectivas

À luz da atual situação e dos fatores limitantes apontados pelos jovens rurais, delimitou-se também a construção de que perspectivas eles almejam para o seu futuro e para o seu bem-estar, seja no meio rural ou fora dele.

A maioria dos jovens é otimista em relação ao seu futuro acreditando que sua situação em relação àquela que se encontra hoje deve melhorar. Um dos primeiros aspectos condicionados para tornar esta situação mais favorável, relaciona-se aos próprios jovens, que propõem ou criam alternativas e espaços de inserção que tenham como resultado a melhoria das suas condições de vida. Segundo esta jovem, "devemos buscar espaços de formação junto aos órgãos competentes para que os jovens formem suas opiniões e busquem alternativas". Observa-se que na busca desses espaços, uma das estratégias que acreditam ser viável é o seu engajamento nos órgãos reivindicatórios municipais já consolidados. Conforme salienta esta jovem, "com certeza os jovens deveriam parar para pensar e propor idéias. O sindicato (dos Trabalhadores Rurais) está aberto a sugestões; deveríamos nos unir mais, dialogar, participar dos espaços que existem".

No engajamento junto a entidades, os jovens buscam também a sua inserção enquanto pessoas que não só agem no coletivo, mas que podem por si só criar seus espaços. Segundo este jovem, "podemos criar espaços junto a entidades para depois construir algo de mais concreto".

Nesta perspectiva de buscar para o futuro melhorias para suas condições de vida, os jovens também desenham estratégias que podem partir deles mesmos: "se alguém tiver a idéia ou a iniciativa, os jovens irão junto". Nas ações que acreditam ser possível realizar, são citadas as organizações e associações, as cooperativas de jovens ou ainda sua inserção naquelas já formadas pelos agricultores.

As perspectivas construídas pelos jovens em relação à agricultura relacionam-se com o atual estágio de modernização, com o meio ambiente e com a elaboração de políticas para o desenvolvimento da mesma.

Em relação ao atual estágio de modernização da agricultura levantado pelos jovens, eles fazem referência a uma política que seja capaz de trazer melhores condições econômicas e sociais para si. Sob esta ótica e de acordo com esta jovem, "podemos esperar melhores condições devido ao avanço tecnológico e econômico, com mais tecnologia para ajudar o meio rural a desenvolver a agricultura e com mais recursos para os jovens".

A respeito da intrínseca e delicada relação entre a agricultura e o meio ambiente, os jovens acreditam que terão que se preocupar e buscar produtos agroecológicos para

substituir os tóxicos. A construção de políticas voltadas para o incentivo da agricultura e para os jovens é importante, porque segundo esta jovem, "a situação do jovem no futuro pode ser boa se o governo der apoio à agricultura não só de exportação, mas de produtos locais".

Enquanto se menciona que as expectativas das políticas são grandes por parte dos jovens, estes continuam rondados pelo fantasma das dificuldades de sobreviver no meio rural sem incentivo para a agricultura. Conforme esclarece este entrevistado, "podemos melhorar nossas condições de vida social, contando com mais ajuda dos governantes através de incentivos econômicos. A agricultura não é lembrada na hora das decisões para investimento está sempre em último lugar".

As políticas de desenvolvimento da agricultura ainda encontram-se no âmago das perspectivas destes jovens quando eles reconhecem que deveriam escolher melhor seus governantes na hora de votar. Também reconhecem que deveria haver políticas destinadas ao desenvolvimento dos jovens com a efetivação da reforma agrária. As políticas e os incentivos do governo ainda apontam somente para uma relação direta com a sua permanência ou a saída do meio rural. De acordo com o depoimento desta jovem, "alguém tem que ficar no meio rural e o governo deve dar incentivo".

De acordo com a análise deste outro entrevistado, percebe-se o quanto é próxima esta relação entre as políticas e a agricultura, incentivando ou desmotivando o jovem, no futuro, a permanecer no meio rural. Ainda segundo este mesmo jovem, "do jeito que está muitos jovens podem permanecer na agricultura, se piorar desmotiva o jovem, pois só trabalha sem lucro, e pode ser um fator que levará os jovens para a cidade, despreparados. O governo deve repassar incentivos".

O atual nível de escolaridade atingido por esses jovens garante, no futuro, facilidades em acompanhar as inovações que adentram no meio rural. Este jovem afirma que "o jovem com o estudo de hoje acompanha estes avanços e vai continuar no meio rural, só que usando estes avanços".

A convivência junto ao núcleo familiar também não é esquecida quando os jovens traçam suas perspectivas futuras, uma vez que a família tem relações diretas sobre o seu desenvolvimento social. Nesse sentido, a construção da própria família também faz parte dos planos futuros e, de acordo com este jovem, "se pensa em construir uma família a partir dos objetivos que aprendemos com nossos pais".

4 Considerações Finais

Nas crises históricas geradas pela modernização sobre a agricultura familiar e ainda vivenciadas pela juventude rural, constatou-se que esta também percebe as novas relações, os problemas estruturais, os conflitos, os padrões culturais e sociais que acabam definindo quem são estes jovens rurais de hoje, como trabalham, estudam e convivem na família e na sociedade.

A população dos jovens rurais de Nova Palma mostra-se extremamente importante enquanto um segmento da agricultura familiar com suas potencialidades e limitações, mas, ao mesmo tempo, um segmento que consegue superar a visão ou o estereótipo construído

historicamente de que os jovens não possuem muita perspectiva no meio rural nem fora dele. Esta perspectiva é construída através do seu elevado nível educacional, das relações familiares e das percepções sobre o mundo que os cerca.

O nível educacional está vinculado aos planos futuros destes jovens, especialmente entre as moças, já que as mesmas apresentam grau de escolaridade superior ao dos rapazes. Nesse sentido, as jovens usam esta oportunidade de maior acesso à educação para construir sua carreira profissional, não pretendendo mais ficar no meio rural.

É preciso destacar que esta migração feminina está delineando no horizonte um grave problema social para o município de Nova Palma, a masculinização no campo. Essa questão apresenta mais chances de aflorar, porque a grande maioria dos rapazes pretende que sua profissão seja a agricultura e conseqüentemente permanecerem no meio rural. A permanência dos rapazes e a ausência das moças ameaçam a continuidade ou a formação de novas famílias e com elas a viabilidade das unidades produtivas. Torna-se urgente e fundamental a criação de políticas e de alternativas viáveis que gerem recursos para os jovens e principalmente para as moças.

Sobre a permanência dos jovens no meio rural associada ao seu grau de escolaridade, observou-se que permanecem na agricultura somente os que pouco estudaram ou os que não quiseram seguir seus estudos porque achavam que não tinham aptidão para eles. A concepção de que, na atividade agrícola, o nível educacional pouco interfere não corresponde à realidade deste jovens rurais, pois mesmo entre os mais escolarizados existe a clara tendência de permanecer no meio rural.

No que se refere à permanência desses jovens no desenvolvimento da agricultura, está a visão de que não pretendem perpetuar a dimensão de uma agricultura familiar como atrasada, pois atribuem que a sua escolaridade vai permitir maior acesso às tecnologias e, para isso, esperam contar no futuro com políticas do governo para dar mais incentivo ao desenvolvimento da agricultura.

Ainda quanto à migração dos jovens, comprova-se que as relações familiares estão menos rígidas, pois a obrigação ou o padrão moral dos anos 60-70 que obrigava os filhos a permanecer nas unidades produtivas e a trabalharem só na agricultura parece estar dissolvida, podendo-se perceber que é dado aos jovens um maior poder de decisão entre escolher se querem ficar ou sair do meio rural. Por outro lado, essa maior abertura nas relações familiares não conseguiu superar ainda a questão de gênero e o reconhecimento do trabalho feminino, pois as moças não apresentam um envolvimento direto no trabalho agrícola. Além disso, tal abertura ainda não conseguiu encurtar as distâncias que separam pais e filhos ou estender-se para a participação dos primeiros no que se refere às questões econômicas familiares. A participação dos filhos está centrada, sim, sobre a questão social.

Às vezes, mesmo diante da pouca idade, a maturidade dessa juventude torna-se explícita quando desmistificam fatores que não são próprios do seu meio, mas lhes causam interferências. Esta desmistificação dá-se sobre os centros urbanos e sua inserção neles quando os jovens sentem a sua menor preparação para encarar o mundo profissional, especialmente se tiverem que competir com um jovem urbano. A outra desmistificação está no referente à globalização e na clara noção de interferência da mesma que os jovens apontam existir sobre o meio rural, sobre a agricultura e sobre si mesmos.

Dentre os inúmeros estudos tais como Abramoway (2001) e Strapasolas (2002) que tratam do não reconhecimento pelos jovens rurais das atividades não-agrícolas, verificou-se que esta condição apresenta-se diferenciada, pois os jovens acreditam que seja possível o desenvolvimento destas atividades. Mas o reconhecimento destas atividades já existente no meio rural, não há nenhuma alternativa nova nem mesmo o turismo rural que tem recebido grande incentivo na região em função das características físicas e históricas. Além disso, o desenvolvimento destas atividades só ocorre quando houver um intervalo de tempo entre as agrícolas ou fora da época da produção das principais culturas, ou seja, são secundárias à agricultura.

Embora os jovens argumentem que nas comunidades onde convivem há espaços para o lazer, torna-se evidente que esta mesma condição não ocorre quando se fala das organizações propriamente juvenis. A inexistência dessas aponta para as dificuldades de organização entre os jovens, mas também revela que são receptivos à formação das mesmas ou, pelo menos, gostariam de contar com o apoio das já existentes.

O estudo da juventude rural de Nova Palma revela ainda que os jovens apresentam uma realidade muito próxima daquela dos jovens rurais da América Latina, conforme o estudo de Vela (2001). Este autor afirma que os jovens são mais escolarizados, apresentam a noção de pertencer a uma sociedade globalizada, vivem em famílias menos numerosas e são possuidores de uma consciência ambiental adquirida através de fontes com credibilidade e de origem cientificamente conhecida.

Entre os jovens entrevistados, observa-se que ocorre uma consciência ambiental. Esta consciência revela apenas uma preocupação com a escassez dos recursos naturais, pois ela pode limitar o desenvolvimento da agricultura, a principal fonte de trabalho e renda da grande maioria desses jovens.

Referências

- ABRAMOWAY, R. et al. *Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar*. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead/, 2001.
- BLUM, R. Agricultura Familiar: estudo preliminar da definição, classificação e problemática. In: *Agricultura Familiar: realidades e perspectivas*. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2001. Cap.3, p. 57-104.
- BRUMER, A. et al. O futuro da juventude rural. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL, 6, 2002, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação Latino – Americana de Sociologia Rural, 2002. p. 1365-1372.
- CARNEIRO, M. J. O ideal Rurbano: campo e cidade no imaginário dos jovens rurais. In: TEIXEIRA DA SILVA, F. C.; SANTOS, L. F. C. (Org.). *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus/Pronex, 1999. p. 1-15.
- CORTES, S. M. V. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. *Caderno de Sociologia*, Porto Alegre, v.9, 1998. p. 11-47.

DIRVEN, M. *La contribución de lo rural al desarrollo y el potencial de la juventude*. Disponível em: <<http://www.cinterfor.org.uy>>. Acesso em: 13 de ago. 2001.

DURSTON, J. Juventud y desarrollo rural: marco conceptual y contextual. *Série Políticas Sociales*, Santiago do Chile, 1998. p. 1-41.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. *Estudo da situação do município de Nova Palma - RS*. Nova Palma. 2002. p. 1-20 “não-paginado”. mimeografado.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIGOU, J. Problemas de uma Sociologia da Juventude Rural. In: BRITO, S. (Org.). *Sociologia da Juventude II*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1968. p. 73-87.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo da população 2000*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 de maio 2001.

MARIN, J. O. *Trabalho Infantil: a construção de um problema social*, 2001. 390f. Tese (Doutorado Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

MARIN, M. Z. *As transformações no espaço agrário e seus reflexos na agricultura familiar e na sustentabilidade ambiental em Nova Palma, RS*. 2000. 205f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2000.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PETTY, M. et al. *Uma alternativa de educação rural*. [S.l.:s.n.]. 1979. p.31-57.

SCHMIDT, J. P. *Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

SPANVELLO, R. M.; LAGO, A.; VELA, H. Juventude rural: associativismo e lazer como forma de desenvolvimento social. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL, 6, 2002, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Associação Latino – Americana de Sociologia Rural, 2002. p. 1555-1557.

SPONCHIADO, B. A. *Imigração & Quarta Colônia*: Nova Palma & Pe. Luizinho. Santa Maria: Palotti, 1996.

STROPASOLAS, V. L. *O Mundo Rural no Horizonte dos Jovens*. 2002. 275f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

VELA, H. O novo perfil do jovem rural. Rio de Janeiro. *Marco Social*, p.32-37, maio 2001.

WANDERLEY, M. de N. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: *Agricultura Familiar: realidades e perspectivas*. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2001. Cap.1, p. 21-55.

Recebido para publicação em 24/10/03

Aceito para publicação em 09/01/04